**O real motivo por trás da evasão nos cursos de Engenharia**

Natan Villela Amaro / 11.222.070-2 | CSJ060-T33

Vinicius Mendes Princi Paulo / 11.222.013-2 | CSJ060-T33

Eduardo Toneatti Gonçalves de Souza / 11.123.303-7 | CSJ060-T33

Não é novidade para ninguém a grande taxa de evasão que se apresenta já nos primeiros semestres dos cursos de Engenharia no Brasil. Mas por que será que isso acontece? Os cursos são realmente muito difíceis e, como alguns professores gostam de dizer, “só os fortes sobrevivem”? Ou será que os jovens brasileiros não se conhecem o suficiente e acabam escolhendo um curso que não reflete seus reais interesses e paixões? Talvez eles só tenham escolhido a engenharia por influência familiar ou porque dizem por aí que a profissão traz bastante dinheiro e segurança. O fato é que são diversos os motivos que podem levar os alunos a desistirem da faculdade já nos primeiros semestres.

Nós, estudantes do 2° semestre do curso de Engenharia na FEI, decidimos investigar como esse fenômeno se dá em nossa própria universidade e, para isso, entrevistamos alguns de nossos colegas, buscando entender suas relações com a faculdade e o que poderia motivá-los a abandonar o curso, bem como ex-colegas que não chegaram a completar o primeiro ano.

Nas entrevistas feitas pelo nosso grupo com alunos e ex-alunos foi possível perceber que os estudantes têm uma visão bastante positiva sobre a faculdade em si. Pontos como campus, estrutura e qualidade de ensino foram muito elogiados. Outro ponto, um tanto quanto curioso, identificado nas entrevistas foi que, diferente do que esperávamos, os alunos não se queixaram ou usaram como possível motivo de desistência a dificuldade do curso de engenharia. Foi mencionado que o ensino é puxado e desafiador, mas isso não foi colocado como o maior obstáculo. Essas respostas se tornaram um indicativo que, possivelmente, os motivos que buscávamos eram mais profundos e requereriam uma investigação mais atenta.

Os motivos citados, que de fato levariam ou levaram os entrevistados a deixar a faculdade, se mostraram bastante abrangentes, afinal cada ser humano é único e apresenta trajetórias, motivações e valores distintos. Assim, percebemos que para entender com profundidade esse fenômeno, seriam necessárias muito mais entrevistas, o que seria inviável para nosso grupo neste breve espaço de tempo. No entanto, existe um ponto comum que se mostrou presente na vida de praticamente todos os entrevistados e que se tornou o foco de nossa discussão: a falta de maturidade e autoconhecimento dos jovens no momento de tomar a decisão sobre o curso universitário que farão, tendo em vista a carreira que almejam (ou acham que almejam) seguir.

Entendemos que os recém-formados do ensino médio, em geral, não têm em mãos todas as ferramentas e os conhecimentos necessários para tomar uma decisão consciente da carreira que pretendem seguir pelo resto da sua vida. Dessa forma, acabam sendo influenciados por familiares, amigos e outras pessoas que acreditam saber o que estão falando, mas que desconhecem os reais talentos, ambições e sonhos daquele jovem e que, portanto, não deveriam sequer ter lugar de fala nesta escolha tão decisiva e importante.

Olhar por essa perspectiva nos levou a seguinte reflexão: será que os jovens brasileiros estão sendo preparados e tendo o direcionamento adequado para tomar decisões tão importantes e em uma fase tão fundamental de suas vidas? No Brasil, ainda persiste um sistema de ensino desenvolvido para suprir as necessidades advindas da primeira revolução industrial, há quase 300 anos, e que não acompanhou, nem de longe, a evolução da sociedade e as novas demandas que surgem a cada dia.

Com métodos de ensino desatualizados, baseados na figura de autoridade do professor, submetidos a regras rígidas que, em caso de não observância, geram punições, os alunos ainda são considerados meros expectadores, devendo absorver o conhecimento de forma passiva, sem direito a questionamentos ou ao exercício do livre pensamento. Ainda pior, muitas vezes estes alunos não têm o menor interesse pela matéria que está sendo ministrada, porque não usarão aqueles conhecimentos específicos em sua vida pessoal ou profissional.

As escolas seguem com grades curriculares engessadas, onde os alunos devem frequentar aulas pré-determinadas, independente de seus gostos e habilidades pessoais, e, ainda pior, devem tirar boas notas, pois, caso contrário, não poderão avançar em seus estudos até que aquela “defasagem” seja sanada. Não importando se este aluno é muito talentoso para escrever textos e pretende se tornar um escritor brilhante, contudo, caso ele não passe em matemática, que não é seu ponto forte, ele não poderá seguir adiante. Ao invés de potencializar seus talentos, ele gastará tempo e energia buscando aprender algo que não gosta e que, provavelmente, nunca se tornará realmente bom.

Trouxemos essa discussão à tona, para expressar o quanto o ensino escolar brasileiro não ajuda e, por muitas vezes, atrapalha os jovens em seu desenvolvimento e autoconhecimento, pilares necessários para futuramente escolherem uma profissão, não porque seus tios dizem que “dá dinheiro”, mas porque aquele trabalho lhes trará um sentimento de real realização. O estudante que escolhe o seu caminho levando em conta esses princípios, estará muito mais propenso a ter uma carreira próspera e, antes disso, uma jornada universitária de sucesso.

Em países como os Estados Unidos é muito comum que, ao terminar o ensino médio, os jovens já tenham tido contato com uma infinidade de atividades e assuntos, dos mais variados – aulas de teatro, marcenaria, programação, robótica, trabalho voluntário entre outros. Essas experiências permitem que esses jovens experimentem mais da vida e tenham muito mais segurança e clareza do que estão buscando ao entrar em um curso universitário, pois se permitiram (e foram permitidos) experimentar.

Ainda sobre as universidades americanas, as universidades *Liberal Arts Colleges* focam, não no desenvolvimento de um profissional, mas, antes de qualquer coisa, na formação de um ser humano. Em algumas dessas universidades, os alunos passam os dois primeiros anos com nenhuma outra responsabilidade senão de experimentar o maior número de atividades e matérias possíveis, desde física até aulas de canto. Só após esses 2 anos horizontalizando seus conhecimentos, os alunos de fato escolhem uma área para se especializar e receber seu diploma, tendo como base todas as experiências e conhecimentos adquiridos nos dois primeiros anos.

A conclusão que toda essa reflexão traz é que o fenômeno inicialmente abordado, da evasão precoce nas faculdades de engenharia, é apenas um dos sintomas de uma disfunção bem maior na sociedade brasileira: a falta de conhecimento, principalmente de autoconhecimento, dos jovens brasileiros. Disfunção que poderia ser solucionada com uma reformulação no sistema de ensino básico e uma melhor orientação em um momento tão fundamental e crucial de suas vidas. Um sistema que focasse no ser humano e em suas particularidades, oferecendo um vasto leque de experiências e aprendizados que garantiriam a formação de jovens, deixando-os mais preparados para escolher uma futura profissão e, mais importante, mais preparados para a vida.

Nesse sentido, cabe também às universidades e, neste caso, a FEI, estarem atentas a essa questão e oferecerem apoio aos estudantes que estão passando por essa fase de incerteza. É fundamental que, desde o início, os alunos tenham acesso a informações sobre as diversas áreas de atuação da engenharia, assim como sobre o mercado de trabalho e a oportunidade de realmente conhecer o dia a dia de um engenheiro, assim como participar de atividades que os ajudem a descobrir suas afinidades e interesses dentro do curso.